

Nota do blog: Estávamos no meio de ano de 2005 quando um grave ruído de comunicação ameaçou as relações entre a Coordenação Nacional de Saúde Mental e a Coordenação Estadual de Saúde, pela qual respondi entre 2003-2007. O episódio abaixo narrado seria mantido nessas zonas cinzentas para onde se jogam os eventos obscuros da trajetória da reforma psiquiátrica brasileira, não fosse o zelo com que este blogueiro trata a história e a memória da luta antimanicomial em território amazonense para o conhecimento das futuras gerações.

- **“O AMAZONAS AINDA NÃO TEM CENTRO PSICOSSOCIAL”** - Leia a carta do militante da luta antimanicomial, Rogelio Casado, e entenda o imbróglio que envolveu o coordenador do Programa Estadual de Saúde Mental-AM e um “representante” do Ministério da Saúde, e que gerou, no mínimo, um grave ruído de comunicação. **Leia a carta na íntegra.**

CARTA DE UM MILITANTE AMAZONENSE DA LUTA ANTIMANICOMIAL

Nota: Rogelio Casado, militante da luta antimanicomial, é fundador da Associação Chico Inácio, filiada à Rede Nacional Internúcleos da Luta Antimanicomial, e responde, atualmente, pela Coordenação do Programa de Saúde Mental do Amazonas. Nessa condição - que é posterior à sua militância - ele enviou uma carta endereçada para a Rede Internúcleos e todos os coordenadores de saúde mental do país. Em nome da transparência foram mantidos os nomes dos personagens envolvidos num imbróglio que até pouco tempo repercutiu na imprensa manauara. A ética exige que se ressalve o caráter didático que levou os editores do PICICA – *Observatório dos Sobreviventes* a publicar a referida carta. Perderão tempo, papel e tinta, os que interpretarem tal iniciativa como uma investida antiética a figuras tão respeitadas no cenário da Reforma Psiquiátrica brasileira. O que não é aceitável é perder os referenciais de quem é quem na cena político-social da luta por uma sociedade sem manicômios e o diálogo permanente seja no campo institucional, seja no campo dos movimentos sociais.

“O Amazonas ainda não tem Centro Psicossocial”

Meu caro Pedro e demais companheiros coordenadores

A passagem do Dr. Fernando Tenório por Manaus, a caminho de Coari - cuja missão dentro do Estado do Amazonas só tomei conhecimento pela imprensa através da pergunta provocadora de uma repórter: **“Então Coari terá CAPS primeiro que Manaus?”** - não foi exatamente aquilo que foi acordado nas duas últimas reuniões do Colegiado de Coordenadores. Diante da falta de vontade política do gestor, por sugestão sua, Pedro, haveria uma reunião em Manaus, com a presença dos Coordenadores Estaduais de Saúde Mental, em solidariedade ao atual Coordenador de Saúde Mental, cuja principal façanha, depois de longos anos de passividade do setor, foi aprovar a Política de Saúde Mental do Estado do Amazonas, no Conselho Estadual de Saúde, em 4 de novembro de 2003, e que ainda não saiu do papel por razões sobejamente conhecidas pelos Coordenadores Estaduais e pela Coordenação Nacional de Saúde Mental (penso que informei em cada reunião sobre a anemia política - exceções de praxe - de cada setor envolvido com a saúde mental local).

Por respeito à minha militância no setor, a jornalista não publicou nada sobre a missão do Dr. Fernando Tenório, talvez por entender que o desconhecimento do fato, pela Coordenação Estadual de Saúde Mental, indicava, senão a federalização de uma demanda por CAPS a ser esclarecida, mas, seguramente, um gesto surpreendente da Coordenação Nacional de Saúde Mental, que em nenhum momento sinalizou suas intenções. Lástima! Presença assim tão importante no nosso território poderia ter sido melhor articulada, a favor do “empoderamento” da Coordenação Estadual.

Tenório me ligou dizendo que não podia ter se omitido quanto a falta de CAPS no Estado do Amazonas (encontramo-nos depois que participei de intensa divulgação de um curso, de caráter privado, sobre Reforma Psiquiátrica e Clínica da Psicose, ministrado por ele, colocando-o em contato com profissionais dos dois únicos ambulatórios existentes na cidade, ocasião em que situei-o no plano histórico-político e no contexto atual da Reforma Psiquiátrica do Amazonas). Impossível discordar. A essa altura, porém, não tinha lido o jornal A Crítica - edição do dia 24 de março - onde a entrevista dele foi publicada, inclusive com um box contendo informações minhas. Só 24 horas depois tive a dimensão do “estrago” provocado pela seguinte declaração na matéria intitulada **“O Amazonas ainda não tem Centro Psicossocial”**: **“Não sei informar porque o Amazonas está de fora desse contexto.** Mas ainda há tempo para se colocar em prática esse novo modelo de tratar o doente mental”.

Registre-se que o fato do Amazonas não ter ainda, vergonhosamente, um CAPS sequer, é de amplo conhecimento da opinião pública, iniciativa que tomei antes mesmo do Ministro da Saúde mencionar, no Congresso Brasileiro de CAPS, que o Amazonas era o único estado da federação a não possuir CAPS. Em coluna por mim assinada, no jornal Amazonas em Tempo (artigos anexos), e nas inúmeras declarações prestadas à imprensa local, fui mais longe: dei nome aos bois. Porém, como a província adora declaração de “representantes do Ministério da Saúde” deu-se a melódia.

Na manhã do dia 25 de março, o Presidente da Associação Amazonense de Psicólogos, foi o primeiro a manifestar solidariedade quanto ao desdobramento da matéria anterior, desta vez publicado na Coluna mais lida da cidade, no mesmo Jornal, com direito a fotografia dos personagens: **“Sobe: Fernando Tenório, “representante do Ministério da Saúde” - “Advertiu que o Estado do Amazonas é o único que não possui Centro de Atenção Psicossocial” - “Desce: Rogelio Casado, Coordenador Estadual de Saúde Mental - “Estado está atrasado**

quanto ao novo modelo de assistência à saúde mental".

Até agora estou apagando incêndio nos meios de comunicação, cada um querendo tirar sua casquinha e ver o circo pegar fogo. Justo no momento em que o novo Secretário de Saúde (caiu a Dra. Leny Passos e assumiu o Dr. Wilson Alecrim) preparava uma coletiva para anunciar o que será feito neste ano na área de saúde mental (um mês depois do Ministério Público entrar em cena cobrando o planejamento estabelecido pela Coordenação Estadual de Saúde Mental).

Embora esteja lidando com bons entendedores - experimentados profissionais da escuta dos ditos e não ditos -, quero tecer as seguintes considerações:

1. Tomemos a frase "É proibido fumar" ou "A cobra vai fumar". Elas mobilizam estruturas de uma outra ordem, constituindo-se em algo para além do discurso, ainda que esteja composta por uma única frase. A manchete de A Crítica "Amazonas ainda não tem Centro Psicossocial", surgida como efeito de uma escolha, de uma estratégia de discurso, assim enunciada: "Não sei informar...", feita de maneira consciente ou não, pode determinar a posição de autoridade de um sujeito, mas acaso determina a posição de verdade do sujeito?
2. Ora, *todo discurso é orientado*, não somente porque é concebido em função do *propósito* do locutor, mas porque ele se desenvolve *no tempo*; daí os discursos serem construídos em função de um fim. A declaração "Não sei informar..." pretende chegar aonde?
3. Considerando que todo discurso é uma forma de ação destinada a modificar uma situação, o sobe e desce dos personagens seria a evidência de que tipo de mudança? Acaso, atirando-se em que se viu, deixaria de acertar em quem não se ouviu?
4. Se todo discurso é feito por um conjunto de enunciados, mas é sua enunciação que esclarece as relações entre estes e os diferentes elementos compostos no quadro enunciativo; se todo enunciado aparece ao nível do discurso, enquanto a enunciação permanece em outra parte que não no *eu* pronominal pessoal, em que a frase "Não sei informar..." contribui para esclarecer a opinião pública quem são os sujeitos ocultos e omissos no cenário da Reforma Psiquiátrica no Amazonas?
5. E, se todo o discurso é contextualizado, sobre quem recai o peso das formas de subjetividades provenientes de uma suposta ignorância sobre o contexto local onde interagem autores e atores diferentes no campo da saúde mental?
6. É fato que todo ato de enunciação se apresenta sem justificar seu direito de apresentar-se tal como se apresenta...mas, caramba!... que ética regula o pacto entre sujeitos dispostos a enfrentar o desafio de tirar o Amazonas de um atraso histórico no campo da Reforma Psiquiátrica? Onde foi parar a radicalidade da nossa ética? Afinal não estamos anunciando um produto, nem promovendo vendas... Como conjugar o verbo construir sem danificar os dispositivos de enfrentamento da passividade, da falta de vontade política... enfim, da realidade de cada região?

Um importante personagem da Luta Antimanicomial, que ministra cursos de especialização em Saúde Mental pelo país afora, vem declarando que "os CAPS foram vergonhosamente privatizados na cidade do Rio de Janeiro" (sic). Pensemos no resultado desastroso de outro personagem do mesmo campo, minimamente informado, ao ser indagado sobre as razões de muitos CAPS funcionarem através de convênios com ONGs, declarasse numa entrevista para um jornal carioca: "Desconheço por que razão este fato acontece na Cidade Maravilhosa". Qual seria a manchete a prestar um desserviço ao público carioca?

Pretendia anunciar boas novas na reunião do Colegiado; desta vez seguro de que não se tratava de uma pegadinha, como a do ano passado, quando o gestor me fez anunciar que iríamos construir 3 CAPS no Amazonas. Ontem fui atropelado por um gestor descomprometido; hoje, por circunstâncias perfeitamente evitáveis.

Suspensa a coletiva a ser dada pelo Sr. Secretário de Saúde, estamos esperando baixar a poeira para que ele anuncie a criação de um CAPS e dois SRTs, conforme o que ficou acordado entre autoridades de saúde e Ministério Público.

Desde já peço o apoio de todos para o processo de convencimento de criação de um CAPSi para o ano de 2006, a meu ver uma área cuja atenção é marcada pelo signo da precariedade, embora, como tudo está por ser feito, demanda por serviços de toda ordem é o que não falta.

Tenho consciência que a leitura e análise que faço dos fatos da história recente da saúde mental amazonense representa um ponto de vista. Ponto de vista criterioso, ao meu julgamento. Reivindico apenas o direito de ser interlocutor na troca de pontos de vista. É isso aí!

Como nem tudo são espinhos nesse vale de lágrimas, comunico que desde 14 de fevereiro sou pai de Juan, meu filho com Nivya, o amor da minha vida. Como celebração da vida, estou enviando, abaixo, o belo poema de José Paulo Paes.

Um abraço fraterno para todos.

Rogelio Casado

A um recém-nascido

**Que bichinho é este
tão tenro
tão frágil
que mal agüenta o peso
do seu próprio nome?**

_ É o filho do homem.

**Que bichinho é este
expulso de um mar
tranqüilo, todo seu
que veio dar á praia
do que der e vier?**

_ É o filho da mulher.

**Que bichinho é este
de boca tão pequena
que num instante passa
do sorriso ao bocejo
e dele ao berro enorme?**

_ É o filho da fome.

**Que bichinho é este
que por milagre cessa
o choro assim que pode
mamar numa teta
túrgida, madura?**

_ É o filho da fatura.

**Que bichinho é este
cujos pés, na pressa
de seguir o caminho
não param de agitar-se
sequer por um segundo?**

_ É o filho do mundo.

**Que bichinho é este
que estende os braços curtos
como se tivesse
já ao alcance da mão
algum dos sonhos seus?**

_ É o filho de Deus.

Fonte: [PICICA – Observatório dos Sobreviventes – 2005 agosto 10](#) (atualmente fora da internet) / [Postado no PICICA – blog do Rogelio Casado – 2009 novembro 17.](#)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.